

Um retrato da juventude peruana em *La ciudad y los perros* pelos estudos decoloniais

Yasmin Justo*

Resumo: Ao longo de sua produção literária o escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936-) destacou a cidade de Lima, motivo pelo qual a capital peruana se converteu em um local procurado por seus leitores. Nesse estudo buscamos explorar a relação entre cidade e literatura, por meio do romance de estreia de Vargas Llosa: *La ciudad y los perros* (1963). Além disso, gostaríamos de mostrar por meio de uma análise decolonial como jovens de diferentes classes sociais convivem no Colégio Militar Leoncio Prado, lugar em que grande parte da narrativa é ambientada. Para dar suporte as nossas análises, elas serão guiadas por José Carlos Mariátegui (2007), Aníbal Quijano (2014), Catherine Walsh (2009), Néstor Canclini (2000; 1999), entre outros.

Palavras-chave: Decolonialidade; Patrimônio cultural; Peru.

Un retrato de la juventud peruana en *La ciudad y los perros* por medio de los estudios decoloniales

Resumen: A lo largo de su producción literaria el escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936-) destacó la ciudad de Lima, razón por la cual la capital peruana se ha convertido en un destino buscado por sus lectores. En este estudio buscamos explotar la relación entre ciudad y literatura, a través de la primera novela de Vargas Llosa: *La ciudad y los perros* (1963). Además, nos gustaría mostrar por medio de un análisis decolonial cómo jóvenes de diferentes clases sociales viven en el Colegio Militar Leoncio Prado, lugar donde se desarrolla gran parte de la narrativa. Las observaciones se guiarán por los estudios críticos de José Carlos Mariátegui (2007), Aníbal Quijano (2014), Catherine Walsh (2009), Néstor Canclini (2000; 1999), entre otros.

Palabras clave: Decolonialidad; Patrimonio cultural; Perú.

Ser latino-americano é uma tarefa histórica e social e supõe a exigência de não nos permitirmos o simplismo e, menos ainda, o conformismo.

Hugo Achugar

Considerações iniciais

Literatura e Turismo estão cada vez mais associados, esse artigo procura pensar essa articulação por meio da obra do escritor Mario Vargas Llosa (1936-), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2010, que colocou a cidade de Lima na rota de turistas que visitam o Peru. Os romances *La ciudad y los perros* (1963), *Conversación en La Catedral* (1969) e *Cinco Esquinas* (2016) são algumas de suas publicações ambientadas na capital peruana.

Pela força com que a cidade aparece nos livros de Vargas Llosa, há no Peru duas rotas turísticas em sua homenagem, uma em Arequipa, cidade em que o autor nasceu, denominada “Ruta Cultural Mario Vargas Llosa” e outra na cidade de Lima, onde ele passou parte de sua vida, o “Literatour: Ruta Vargas Llosa”¹, na qual iremos nos deter. Trata-se de um tour gratuito com duração de uma hora e meia que ocorre todas as sextas-feiras e percorre alguns lugares pelos quais o autor circulou e/ou em que suas obras são ambientadas.

Nossa concentração se volta, nesse estudo, à identidade de algumas personagens e a noções de patrimônio cultural que podem ser vinculadas ao romance de estreia de Vargas Llosa, *La ciudad y los perros*, publicado pela primeira vez em 1963, que foi ganhador dos prêmios: *Premio Biblioteca Breve*² (1962) e *Premio de la Crítica* (1963).

O romance acompanha a rotina de um grupo de jovens peruanos que estudam no tradicional Colégio Militar Leoncio Prado, localizado no distrito de Callao que fica a, aproximadamente, 11 quilômetros de Lima. Importa dizer que tal instituição de ensino onde parte do romance é ambientado, a época da primeira edição da obra completava 20 anos de

¹ Para mais informações sobre a rota literária acesse: <https://www.miraflores.gob.pe/literatourmariovargasllosa/>.

² O *Premio Biblioteca Breve* é concedido anualmente pela editora Seix Barral a um romance inédito em língua espanhola. O valor do prêmio consiste no valor de € 30.000,00 e a publicação do texto vencedor. Ver em: <https://www.escriitores.org/recursos-para-escriitores/30788-premio-biblioteca-breve-2021-espana>.

existência. Na instituição militar Vargas Llosa passou dois anos como aluno, ou seja, ele é um ex-cadete do Leoncio Prado, sendo um dos motivos pelos quais se confere à obra traços autobiográficos.

Apesar de não ser o foco desse estudo gostaríamos de citar, brevemente, o filósofo peruano Efraín Kristal que se dedicou ao tema em *Refundiciones literarias y biográficas em La ciudad y los perros*, um dos textos que incorporam a edição comemorativa do cinquentenário do primeiro romance de Vargas Llosa:

La experiencia personal de Vargas Llosa es también un elemento clave en la gestación de los personajes principales de *La ciudad y los perros*, pero es un error insistir, como la crítica de esta novela lo ha hecho repetidamente, en que las experiencias de Alberto corresponden a la biografía del autor. (KRISTAL,2018, p. 546).

É nesse ambiente escolar que se estrutura a trama. O enfoque são jovens de distintas classes sociais e regiões do Peru que apresentam tensões familiares e mudanças pelas quais os “homens” da faixa etária dos alunos do colégio militar passavam.

A estrutura do livro é composta por duas partes, o que separa a primeira da segunda parte do livro é o suposto acidente que tira a vida da personagem Ricardo Arana. Em ambas, acompanhamos os personagens entre presente e passado, entre o colégio militar e os bairros de Lima. E um epílogo que aborda apenas as personagens Jaguar e Alberto, nele nos é revelado que nenhum dos dois seguiu a carreira militar.

Para enriquecer a nossa análise, torna-se importante recuperarmos o título do livro, pois sabemos que o título de uma obra funciona, na maioria das vezes, como síntese da história contada. O título é um dos elementos que integram a capa de uma obra literária, em *Paratextos Editoriais* (2009), o crítico literário Gerard Genette nos informa que o título “em nossa cultura atual, é obrigatório” (GENETTE,2009, p. 56).

Em *La Ciudad y los perros* é evidente o quanto a cidade de Lima é fundamental para a narrativa, já que a palavra “ciudad” se encontra no título, esse vocábulo pode ser lido de forma literal, já ao vocábulo “perros”, que também aparece no título, pode-se atribuir um duplo sentido, um literal e outro metafórico. O primeiro sentido é atribuído à denominação dada aos meninos que ingressam ao colégio militar, enquanto o segundo sentido se relaciona à forma como esses mesmos alunos vão se tornando agressivos, isto é, como cães selvagens ao longo da obra.

A narrativa dá indícios de que os fatos acontecem na década de 1950, ela é ambientada em dois lugares: na capital peruana e no colégio militar. Em *La ciudad y los perros* são demarcadas as diferenças econômicas dos bairros por meio dos personagens Alberto Fernández, Jaguar e Ricardo Arana, enquanto o primeiro vive no bairro nobre de *Miraflores* os outros dois vivem em bairros mais humildes, *Bellavista* e *Magdalena Nueva*, respectivamente.

De acordo com o filósofo francês Henri Lefebvre (2011, p. 13), em O direito à cidade: “No contexto urbano, as lutas de facções, de grupo, de classes reforçam o sentimento de pertencer”. Ao longo da obra podemos verificar esse sentimento nas personagens que apresentam hábitos influenciados pela sua classe social, enquanto Alberto frequenta festas dos jovens da elite mirafloresina, a personagem Jaguar vê nos roubos uma forma de conseguir dinheiro para custear suas despesas já que ele vem de uma realidade muito humilde, com pouco dinheiro até mesmo para sobreviver. A diferença de oportunidades mostra as realidades distintas que existem na cidade.

A análise que propomos dialoga ainda com os estudos decoloniais, pois nossa intenção é olhar para a obra de Vargas Llosa partindo da crítica latino-americana. Por isso se faz necessário destacar que os estudos decoloniais foram desenvolvidos no final dos anos 1990 pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), tendo o intuito de romper com a imposição de saberes oriundos do processo de colonização da Europa perante a América. Inicialmente, o grupo M/C foi composto por diferentes pensadores latino-americanos e mais tarde somaram-se a ele pesquisadores de outras partes do mundo, nesse trabalho dialogaremos com alguns pensadores que compõem o grupo, como Aníbal Quijano e Catherine Walsh.

A importância da cidade para a narrativa

A inserção do patrimônio histórico em uma obra literária é fundamental para compreendermos um pouco da história do local, pois, como nos diz a arquiteta, cubano-argentina, María del Carmen Díaz Cabeza em *“Criterios y conceptos sobre el patrimonio cultural en el Siglo XXI”* o: *“patrimonio histórico, es una herencia colectiva, no individual, producto de hechos acontecidos, personajes, objetos materiales que han trascendido a*

través del tiempo, y el espacio social” (DÍAZ CABEZA, 2010, p. 3).

Na ficção hispano-americana *La ciudad y los perros* de Vargas Llosa percorremos grande parte de Lima, por meio dos personagens que moram na cidade e circulam por suas ruas e, assim, descobrimos o quanto a arquitetura da cidade é fundamental para que possamos compreender a obra, seja pelos cinemas de rua, praças e itinerários de ônibus, já que o próprio título do romance alude à cidade. A cidade é objeto de reflexão a longa data por diferentes pensadores, para Lefebvre:

A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. As condições, que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce delas, nelas, através delas. (LEFEBVRE, 2011, p. 52).

O autor mencionado nos ajuda a pensar a cidade como uma construção social que pode ser estudada a partir de relações de poder circunscritas no espaço e no tempo. Desta forma, esse trecho não nos explica apenas sobre a cidade francesa, mas como podemos fazer reflexões analíticas sobre diferentes cidades. Corroborando com essa premissa, se faz interessante pensar na abordagem decolonial, que de acordo com Catherine Walsh é “un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar ‘lugares’ de exterioridad y construcciones alternativas” (WALSH, 2009, p. 15). Nesse sentido, o turismo em Lima, que outrora fora colonizado, hoje atrai diversos turistas por sua própria cultura e história, proporcionando um novo olhar para um local que séculos atrás era visto como mero objeto de enriquecimento da Coroa Espanhola.

O que queremos assinalar é a forma como Lima, ex-colônia da Espanha, foi retratada nos romances de Vargas Llosa, e como essa questão tem estimulado o turismo no cenário cultural contemporâneo. Trata-se de uma construção imagética que é percebida por autores de estudos contemporâneos. Em *Ciudad Express* (2005), Juan Carlos Pégolis, em um dos capítulos reserva espaço ao romance de Vargas Llosa, nele o arquiteto destaca os aspectos urbanos da capital peruana na construção da narrativa:

Entre los dos extremos de la observación: la particularidad íntima del barrio-Miraflores- y la heterogeneidad hilvanada por la continuidad de la gran ciudad, se destacan sectores, otros barrios y lugares que exaltan esa variedad de la metrópoli. (PÉRGOLIS, 2005, p. 81).

De acordo com Pégolis o autor peruano faz uma dupla divisão na cidade de Lima na

narrativa, a primeira com o famoso bairro de Miraflores: “*El epicentro de la ciudad marítima es Miraflores*” (PÉRGOLIS, 2005, p. 80); já a segunda com a grande parte que resta da cidade. Além da divisão urbana exposta por Pérgolis, a obra nos oferece a possibilidade de pensar no próprio Colégio Militar Leoncio Prado, em que parte da narrativa é ambientada como uma parte importante na divisão da cidade, já que a instituição atrai turistas e leitores de Vargas Llosa, mesmo que esteja localizado em um distrito da cidade um pouco afastado.

O antropólogo Néstor García Canclini, no artigo “*Los usos sociales del Patrimonio Cultural*” menciona sobre o crescente debate em torno do termo patrimônio e que por esse motivo aumentou-se a dificuldade em conceituar o termo. O autor chama a nossa atenção para o debate em torno dessa discussão:

Sin embargo, algunos autores empiezan a vincular el patrimonio con otras redes conceptuales: turismo, desarrollo urbano, mercantilización, comunicación masiva. Estos términos son mencionados casi siempre como adversarios del patrimonio: desafíos o agresiones exteriores que proceden de universos distintos. (CANCLINI, 1999, p. 16).

Canclini tem uma visão oposta àqueles que não se adaptam as novas atribuições do termo e vê essa modernização do termo com bons olhos, o que nos faz reforçar ainda mais a nossa hipótese de entender o Colégio Militar Leoncio Prado como patrimônio cultural.

O Colégio Leoncio Prado existe, sua arquitetura é formada por “*los edificios plomizos*” (VARGAS LLOSA, 2019, p. 69) e tem o nome em homenagem a um militar importante para a história do Peru, um herói nacional do século XIX: Leoncio Prado. No passado, a publicação do livro foi considerada uma afronta para o colégio e teve exemplares queimados no pátio da instituição, mas hoje em outro contexto sócio-político-econômico, somada ao conjunto da obra do autor, a narrativa gera interesse pela cidade. A narrativa criada por Mario Vargas Llosa, na segunda metade do século XX, compõe hoje o imaginário de turistas e gera lucro para a cidade que criou até uma rota literária dedicada ao autor.

Díaz Cabeza, ao se manifestar sobre a Carta de ICOMOS³ (Conselho *Internacional de Monumentos e Sítios*) de 1994, nos informa que de acordo com esse documento o itinerário cultural é uma paisagem cultural, logo, entendemos que a “Ruta Vargas Llosa” é

³ A carta de ICOMOS de 1994 ou carta de Nara é o documento resultado da conferência realizada no Japão, naquele mesmo ano, pelo ICOMOS, que é uma associação civil não governamental ligada à Unesco. Essa associação se empenha a promover teoria, metodologia e tecnologia dedicada à conservação, proteção e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios arqueológicos.

uma paisagem cultural. A autora afirma que “*un itinerario cultural conlleva necesariamente una serie de elementos y objetos materiales en un espacio natural, unidos a otros valores de tipo inmaterial o sea varios paisajes culturales*” (DÍAZ CABEZA, 2010, p. 13).

Torna-se importante mencionar que os turistas que percorrem o trajeto da *Ruta Vargas Llosa* conhecem locais que se inserem na narrativa, como o bairro *La victoria* e o centro de Lima. Nesse trecho do tour, os turistas são incentivados a visitarem o Museu de Arte de Lima (MALI), assim como os museus, com entrada gratuita, *Casa de la Gastronomía* e *Casa de la Literatura*. Este último conta também com uma biblioteca denominada Mario Vargas Llosa. Abrindo novas possibilidades aos turistas de se interessarem pela cidade e consumirem a sua cultura.

De acordo com Díaz Cabeza é crescente no século XXI essa tendência de itinerários, o que nos faz ligar os itinerários a uma das três categorias de paisagem cultural denominadas: “*Paisaje Cultural asociativo*”, definida como: “*puede reflejar un hecho histórico o bienes artísticos asociados a las creencias religiosas o culturales y también se puede producir asociado a los elementos del medio ambiente*” (DÍAZ CABEZA, 2010, p. 12).

Em um dos momentos do livro, *La ciudad y los perros*, a personagem Ricardo Arana, é inserida na narrativa saindo da cidade de Chiclayo, e estava eufórico para conhecer Lima: “*esperando que las luces de la ciudad surgieran de improviso, como una procesión de antorchas*” (VARGAS LLOSA, 2019, p. 15). Pode ser que seja essa a mesma euforia que um turista, leitor da obra, tem quando vai conhecer a cidade, pois como nos informa Canclini, “*El patrimonio cultural expresa la solidaridad que une a quienes comparten un conjunto de bienes y prácticas que los identifica, pero suele ser también un lugar de complicidad social*” (CANCLINI, 1999, p. 17).

A organização da cidade que hoje é percorrida por turistas e nos é apresentada em *La ciudad y los perros* demonstra uma divisão de classes, como mostraremos a seguir. É curioso mencionar que a primeira edição do livro, traz um mapa de Lima, situando o leitor do espaço em que os fatos da narrativa sucedem. Em 2018, na edição comemorativa organizada pela *Real Academia Española* (RAE), devido ao cinquentenário da publicação de *La ciudad y los perros*, o mapa volta a ser apresentado.

A capital peruana nos é apresentada pelos cadetes, ora em suas saídas aos finais de semana, como transeuntes, ora em suas recordações do tempo em que ainda não eram alunos

do colégio militar e no epílogo do livro, quando já não são mais cadetes, mas sim meros civis.

No que confere a vida dos cadetes fora do colégio militar, ou melhor, como transeuntes e habitantes de Lima, o leitor é conduzido pelos personagens Ricardo Arana, Alberto Fernández, Jaguar e Boa. Eles nos conduzem pela cidade em três períodos: antes de ingressarem no Leoncio Prado, em suas raras saídas do colégio militar aos finais de semana e após as suas saídas definitivas da instituição de ensino. No prólogo do livro, entretanto, só acompanhamos esse desfecho dos personagens Alberto Fernández e Jaguar.

A cidade se insere na narrativa por meio das vozes das personagens, no que confere à elite vemos como é um domingo para os jovens mirafloresinos e em dias de lazer:

Miran a su alrededor y encuentran rostros que les sonríen, voces que les hablan en un lenguaje que es el suyo. Son los mismos rostros que han visto mil veces en la piscina M Terrazas, en la playa de Miraflores, en la Herradura, en el Club Regatas, en los cines Ricardo Palma, Leuro o Montecarlo, los mismos que los reciben en las fiestas de los sábados. (VARGAS LLOSA, 2019, p. 256).

O personagem que nos conduz pelo luxuoso distrito de Miraflores é o poeta Alberto Fernández.

Os cadetes do Leoncio Prado

A narrativa construída na obra acompanha personagens masculinas e proporciona ao leitor diferentes pontos de vista sobre a rigidez do colégio militar e sobre as dificuldades da vida dessas personagens fora da instituição. Grande parte do livro está centralizada na vida dos cadetes, entretanto, há fragmentos que acompanham o tenente Gamboa que é um dos responsáveis pelos cadetes.

Uma das questões interessante da obra é trazer ao leitor os diversos motivos que fazem os jovens ingressarem no Leoncio Prado, como sabemos, em um colégio militar os cadetes têm uma rotina rígida e vivem sob regras de comportamento impostas pela instituição. Em *Vigiar e punir* (1987), o filósofo francês Michel Foucault traz um panorama sobre a vigilância hierárquica de instituições de poder:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde,

em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam (FOUCAULT, 1987,196).

Vemos, na obra de Vargas Llosa, o quanto os jovens são monitorados pelo olhar dos oficiais, e driblam esse controle por meio de esconderijos e conversas secretas, isto é, eles fogem do olhar dos poderosos. A repressão provocada pelo local que deveria disciplinar os cadetes, faz com que eles entrem em contato com a mentira e com a corrupção.

Os alunos do Leoncio Prado são de localidades e classes sociais diferentes, como visto, anteriormente, a instituição tenta homogeneizar seus comportamentos, e por isso acreditamos que os jovens que ingressaram na instituição compõem um grupo híbrido. No livro *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, Canclini (2015, p. 19) entende a hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

A identidade do grupo como um todo é híbrida, mas separados cada um tem uma identidade única que sofre alterações, constantemente, pois na narrativa encontramos meninos que estão crescendo, eles passam por um momento de transição, tanto pela idade quanto pela forma como circulam entre o espaço público e o espaço privado, somadas ainda às mudanças sociais, logo, suas identidades passam por transformações, por isso acreditamos que as identidades individuais dos personagens da narrativa de Vargas Llosa estejam próximas à identidade de “sujeito pós-moderno”, conceito proposto pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall em “A identidade cultural na pós-modernidade”, que:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13).

Suas identidades sofrem mudanças desde o início da narrativa até o final, a forma como o autor insere diversos espaços de tempo ao longo do texto, nos ajudam a compreender esse processo pelo qual todo jovem passa durante a transição entre a infância e a idade adulta.

Na ficção se destacam os jovens que fazem parte do grupo *El círculo*. O grupo foi formado pela primeira vez para se vingar do trote dado pela turma de cadetes veteranos aos cães, ele é composto pelos personagens Jaguar, Alberto Fernández (conhecido como o Poeta, por entreter os colegas com sua escrita), Ricardo Arana (apelidado de o Escravo), Cava, Boa,

Vallano, Rulos e Arróspide, sendo os três primeiros os protagonistas do romance,

[...] como son los violentos ritos de iniciación con estudiantes obligados a ladrar como si fueran perros, y el apodo de Esclavo para la victima de los peores delitos de los estudiantes del internado militar. (KRISTAL,2018, p. 539)

El círculo é apresentado na narrativa com as seguintes palavras:

El Círculo había nacido con su vida de cadetes, cuarenta y ocho horas después de dejar las ropas de civil y ser igualados por las máquinas de los peluqueros del colegio que los raparon, y de vestir los uniformes caquis, entonces flamantes, y formar por primera vez en el estadio al conjuro de los silbatos y las voces de plomo. (VARGAS LLOSA, 2019, p. 57).

O grupo é liderado por Jaguar e teve duas formações. Nesse artigo gostaríamos de destacar que iremos nos referenciar aos jovens de *El círculo* no que concerne a sua primeira formação. *El círculo* representa violência. Os cigarros e o pisco, uma tradicional bebida alcoólica consumida no Peru, também estão muito presentes no cotidiano dos meninos: “*El Esclavo había abierto la botella de pisco, y después de tomar un trago largo y escupir, la pasó a Alberto. Todos bebían y fumaban*” (VARGAS LLOSA,2019, p. 145).

O consumo de cigarros e bebidas alcoólicas está ligado a masculinidade, na narrativa vemos esse consumo feito pelos meninos como uma forma de marca a transição deles a idade adulta. Ademais o pisco é uma bebida tradicional do Peru, logo vemos mais uma marca da identidade peruana na narrativa.

El círculo era um grupo secreto, mas após ser denunciado por Alberto é descoberto pelos oficiais e a tensão que já havia entre os meninos que o compunham aumenta. A primeira formação de *El círculo* se deu para que o grupo se livrasse do batismo por parte dos cadetes do quarto ano, o grupo nasce a partir do sentimento de vingança dos recém-chegados ao colégio militar para com os cadetes do quarto ano, posteriormente, *El círculo* aparece no romance com apenas alguns integrantes: Cava, Rulos, Boa e Jaguar, que segue como líder do grupo, assim como, na primeira formação.

A conturbada relação entre costeiros e serranos que assola o Peru também aparece no romance. O ensaísta José Carlos Mariátegui (2007, p. 279) comenta essa situação em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* ao dizer que: “*El costeño se diferencia fuertemente del serrano*”. Os costeiros são habitantes da capital peruana, muitos deles veem com desprezo os serranos que desde a década de 1940 migram da região dos

Andes para Lima, os serranos que chegam à cidade vivem situações de discriminação por conta de sua origem indígena e habitam bairros da periferia na capital.

Por meio da personagem Cava, um serrano, o leitor acompanha essa situação na narrativa. Vejamos a discriminação por um monólogo do cadete Boa: *“Los serranos son bien hipócritas y en eso Cava era bien serrano. Mi hermano siempre dice: si quieres saber si un tipo es serrano, míralo a los ojos, verás que no aguanta y tuerce la vista”* (VARGAS LLOSA, 2019, p. 265).

No livro há apenas um embate físico entre uma personagem da capital *versus* uma personagem serrana, isto é, Boa *versus* Cava. Como observamos em seus monólogos, Boa não gosta de serranos e os vê com uma imagem negativa, para que o desentendimento entre as personagens cesse Jaguar propõe que eles lutem entre si para que possam formar um novo *El círculo*.

Mariátegui se dedicou a estudar os problemas do Peru, dentre eles a questão agrária e a questão indígena, em seu livro *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (2007), publicado em 1928, ele traz em seu segundo ensaio *“El problema del indio”* o quanto o indígena sofre nesse país desde o período colonial:

La suposición de que el problema indígena es un problema étnico, se nutre del más envejecido repertorio de ideas imperialistas. El concepto de las razas inferiores sirvió al Occidente blanco para su obra de expansión y conquista. Esperar la emancipación indígena de un activo cruzamiento de la raza aborigen con inmigrantes blancos, es una ingenuidad antisociológica, concebible sólo en la mente rudimentaria de un importador de carneros merinos. (MARIÁTEGUI, 2007, p. 30).

No Peru há uma marca indígena muito forte, como podemos ver nos textos teóricos de Mariátegui e Quijano, assim como, na ficção de Vargas Llosa (2019), isto é, a questão indígena atravessa gerações de intelectuais peruanos. Na ficção de Vargas Llosa a imagem do indígena aparece de forma pejorativa, pois, primeiro o romance se inicia com o roubo de uma prova de química e o ladrão da prova é Cava, indígena, entretanto, como sabemos ao longo da narrativa foi um plano da segunda formação de *El círculo*, mas quem o colocou em prática foi o serrano, depois nos monólogos ele é frequentemente “rebaixado” por seu colega de seção Boa: *“Nada con serranos, son unos cobardes”* (VARGAS LLOSA, 2019, p. 271). Cava é adjetivado pelo colega como “nanico” e “cabeça dura”, ambas características de serranos de acordo com Boa.

Além das divergências costenos *versus* serranos serem apresentadas no texto, vemos de forma menos atenuada o preconceito contra o negro, por meio da personagem Vallano: “*En los ojos se le vio que es un cobarde como todos los negros [...]*” (VARGAS LLOSA, 2019, p. 22). Nessa fala observamos que às vezes os insultos aparecem como “brincadeira” de meninos, de uma forma velada, ora de forma mais direta.

Mesmo séculos após a independência de países latino-americanos do domínio colonial ibero-americano, o imaginário de inferioridade sobre a população autóctone do continente e de seus descendentes continua presente, não só em relação as pessoas enquanto indivíduos, mas também aos saberes produzidos no continente, como conta-nos a pesquisadora Ximena Díaz Merino:

Cabe destacar que el dominio colonial actúa con base en un sistema que concibe la cultura europea como racional e integrada por sujetos, mientras que las no europeas no son racionales, por lo que pasan a ser objetos de conocimiento y de prácticas de dominación. (DÍAZ MERINO, 2021, p. 25).

Vargas Llosa não só valoriza a cidade de Lima, como também insere diálogos no texto que mostram os reflexos do longo processo de colonização, já que ao longo da narrativa vemos Cava e Vallano, pessoas racializadas, sendo menosprezados pelo seu lugar de origem, já que o primeiro vem da região serrana do país, em que a maioria da população é indígena, e o segundo pela cor de sua pele, já que ele é negro.

Um fator curioso é que em grande parte da narrativa quando o personagem Vallano é introduzido a palavra “negro” precede seu nome. No artigo “Teoria e crítica pós-colonialistas” o professor Thomas Bonicci (2009, p. 278) relembra como os negros foram trazidos para o continente americano: “Milhões de africanos, oriundos de várias tribos e nações, foram escravizados e involuntariamente transportados às fazendas do Novo Mundo como solução à escassez de mão-de-obra na produção de mercadorias para as metrópoles”. Essa convivência entre negro, branco e índio, que aparece em *La ciudad y los perros* nada mais é do que um fruto do passado colonial da América Latina.

Essa discussão levantada pelo autor na obra ficcional também é de interesse do grupo M/C, pois como nos explica Luciana Ballestrin no artigo “América Latina e o giro decolonial” (2013), o grupo “problematiza velhas e novas questões para o continente” (BALLESTRIN, 2013, p. 89).

Como nos explica o sociólogo peruano Aníbal Quijano em “Colonialidad del poder,

eurocentrismo y América Latina”, no período colonial da América Latina “*solo los nobles podían participar en los puestos altos y medios de la administración colonial, civil y militar*” (QUIJANO, 2014, p. 782). Entretanto, no século XX, jovens de diferentes classes sociais e cores ao ingressarem no Leoncio Prado poderiam conquistar um lugar na carreira militar. Por esse motivo, recorreremos, novamente, a dados da biografia do autor, já que ele levou para a sua ficção algumas mudanças pelas quais seu país estava atravessando:

[...] la novela de Vargas Llosa ofrece un microcosmos del Perú que solo se podría haber concebido después de la profunda transformación demográfica del país, y desde la perspectiva de las nuevas clases y sectores sociales que se establecieron en el Perú durante la infancia y adolescencia del propio Vargas Llosa. (KRISTAL, 2018, p. 540).

A obra de Vargas Llosa nos leva a pensar que as diferenças dentro da população peruana são inúmeras e que elas causam divergências entre seus habitantes, o que acaba inferiorizando algumas pessoas em relação a outras, por isso vamos nos debruçar no conceito, proposto pelo movimento indígena equatoriano, *interculturalidad* usado por Walsh:

La interculturalidad es un proyecto que por necesidad convoca a todos los preocupados por los patrones de poder que mantienen y siguen reproduciendo el racismo, la racialización, la deshumanización de algunos y la súper y sobrehumanización de otros, la subalternización de seres, saberes y formas de vivir. Su proyecto es la transformación social y política, la transformación de las estructuras de pensar, actuar, soñar, ser, estar, amar y vivir. (WALSH, 2009, p. 15).

Ao usar esse conceito, a pedagoga decolonial alerta para comportamentos que têm se repetido, atualmente, comportamentos esses que aparecem refletidos nos personagens de Vargas Llosa, todavia, como podemos observar a *interculturalidad* propõe a transformação desses modos.

Torna-se interessante observar como a elite mirafloresina é representada ao longo da narrativa, pois esse é mais um marcador social que aponta a diferença entre os jovens que moram no ilustre bairro e estudam no colégio militar dos seus colegas de origem menos favorecida economicamente. Entre os jovens afortunados temos os personagens Alberto Fernández e Arróspide, o chefe de turma da seção, que apesar de não ganhar muito destaque na narrativa, sabemos que vem de Miraflores e foi visto andando em um carro luxuoso pela cidade.

Fora do Leoncio Prado é um privilégio ser mirafloirino, mas dentro não, como o próprio Poeta reflete no epílogo do livro. O Poeta que vivia em Miraflores e gostava de futebol, no final da narrativa vai para os Estados Unidos estudar engenharia como um filho da elite peruana.

A elite de Miraflores que aparece na narrativa usufrui de carros e relógios caros. Enquanto, o personagem Jaguar, que mora no bairro pobre de Bellavista, precisa recorrer a roubos para sobreviver e ajudar nas despesas de casa, motivo que fez com que ele amadurecesse mais rápido do que seus colegas do colégio interno. O seu verdadeiro nome não é revelado na narrativa, todavia sua alcunha nos faz pensar na relação de identidade da personagem com o continente, pois o animal jaguar é o maior felino da América e é visto como um símbolo de força, na narrativa a personagem Jaguar se destaca em detrimento dos outros cadetes por sua força e comportamento violento.

O epílogo, que comporta o final dessa narrativa, nos mostra apenas o rumo que Alberto e Jaguar tomaram em suas vidas, já que a personagem Ricardo Arana tem na morte seu fim ainda na segunda parte da narrativa, assim como Cava que é expulso do Leoncio Prado por roubar uma prova de química.

Considerações finais

A leitura do romance nos faz refletir que o próprio Colégio Militar Leoncio Prado é um patrimônio cultural peruano, tanto pelos seus 78 anos de existência e tradição, quanto por meio do imaginário criado pelos leitores de Mario Vargas Llosa.-

Neste trabalho procuramos refletir sobre o Peru, seu Patrimônio Histórico e Cultural, poder e classes sociais trazendo os estudos decoloniais para o debate. A obra de Vargas Llosa é intensa, pois aborda temas como a transição da infância para a adolescência, a violência e a carreira militar, apesar de publicada por um jovem autor de 27 anos, a obra é fiel à realidade de seu país. *Em La ciudad y los perros observamos uma tensão que se desloca do espaço físico do colégio para os seus alunos.* Na ficção vemos problemas individuais que refletem o coletivo da sociedade peruana.

Apesar da tentativa de igualar os cadetes isso não ocorre, pois eles têm origens e sentimentos diferentes uns dos outros. Essa diferença em suas personalidades faz com que

cada um deles siga um rumo diferente quando sai do colégio. Além disso, o romance nos mostra o quanto a masculinidade é imposta precocemente aos jovens que desde muito cedo são incentivados a entrarem em contato com álcool, bordéis e cigarros.

Devemos levar em conta que a cidade de Lima de *La ciudad y los perros* eternizada pelo autor a mais de cinco décadas é diferente da metrópole que os turistas irão encontrar quando forem visitar a grande capital peruana hoje, ademais a obra rompe com a ideia de que na América Latina não se produz conhecimento.

Referências Bibliográficas

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11, pp. 89-117, Brasília, maio-ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/>> Acesso em: 03 set. 2021.

BONICCI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T. & ZOLIN, L.O. (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. Los usos sociales del Patrimonio Cultural. In: ENCARNACIÓN, A. C. **Patrimonio Etnológico, Nuevas Perspectivas de Estudio**. 1999, pp.16-33.

DÍAZ CABEZA, M. C. **Criterios y conceptos sobre el patrimonio cultural en el Siglo XXI**. Córdoba: Universidad Blas Pascal, 2010.

DÍAZ MERINO, X. Del ocultamento al hallazgo de Coatlicue y de la piedra del sol. In: DÍAZ MERINO, X; MIRANDA, D. (Orgs.). **Literatura, Decolonialidade e Patrimônio Cultural na América Latina**. Divinópolis: Meus Ritmos Editora, 2021, pp. 25-35.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**, Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRISTAL, E. Refundiciones literarias y biográficas em *La ciudad y los perros*. In: VARGAS LLOSA, M. **La ciudad y los perros**. Barcelona: Penguin Random House Grupo

Editorial, 2018, pp. 539-598.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

MARIATÉGUI, J.C. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Fundación Biblioteca Ayacucho: Caracas, 2007.

PÉRGOLIS, J. C. **Ciudad Express**: Buenos Aires: Nobuko, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>> Acesso em: 22 de ago.2020.

VARGAS LLOSA, M. **La ciudad y los perros**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2018.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

***Yasmin Justo** é mestrandanda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, subárea Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Letras - Português/ Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Na mesma instituição, compôs o quadro de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Língua Portuguesa - IM. Atualmente integra o grupo de pesquisa CARDILLA - Cartografias do discurso literário latino-americano, atuando na linha de pesquisa Convergências do pensamento decolonial e da mobilidade cultural na Literatura Latino-Americana. Seus principais temas de interesse são: escrita de si, literatura de testemunho e patrimônio cultural.

Recebimento: 25 de março de 2021.

Aprovação: 10 de maio de 2022.